



Fumigação Americana

7/22/2022

Temendo vírus e doenças infecciosas – principalmente durante surtos e epidemias – as autoridades desinfetam as correspondências desde pelo menos o século XV. Tudo, de fumaça e cortes a gás cianeto e vinagre – sem mencionar a prática de deixar a correspondência descansar por meses antes de movê-la – foi usado com a intenção de manter as pessoas a salvo dos perigos que suas correspondências podem conter.

Com isso em mente, a venda em leilão da coleção de correspondências desinfetadas de William A. Sandrik em outubro de 2021 por HR Harmer trouxe à tona uma capa muito inusitada. A capa da Figura 1 tem um selo verde de Washington de 3 centavos cancelado com um roxo “Council Bluffs Iowa Dec 12 1879” em todas as capitais. A capa é endereçada ao Dr. AS Oberly, da Marinha dos Estados Unidos em Pensacola, Flórida. Após sua chegada à Flórida, a carta foi encaminhada para Newport, Rhode Island.



Figura 1. Um envelope com um cartão de canto de DC Bloomer enviado em 1879 para a Flórida e encaminhado para Newport, Rhode Island, conta uma história interessante. No verso, há duas fileiras de furos feitos por um dispositivo de fumigação.

No entanto, uma característica incomum é a linha reta azul-esverdeada “DISINFECTED” (uma tentativa incorreta de “disinfected”) com um cancelamento correspondente em 17 de dezembro para Warrington, Flórida, uma cidade a 8 km do estaleiro da marinha. Este é o mais antigo carimbo de

mão americano conhecido como “desinfectado” (ou seu erro de ortografia). Em anos posteriores, algumas versões desses carimbos de mão foram usadas na Pensilvânia durante um surto de tuberculose, e a palavra “fumigado” foi usada em outros locais para diferentes doenças, de acordo com um artigo de 1992 no *La Posta* de William A. Sandrik.

Por fim, há duas linhas retas de 20 furos de 85 milímetros cada. Estes são mais bem vistos no verso do envelope, o que mostra que eles se estenderam pelo envelope e devem ter perfurado a carta original também.

Antes que as doenças infecciosas se tornassem mais amplamente compreendidas, elas eram consideradas passíveis de propagação por objetos, incluindo cartas. Portanto, esta é uma capa que mostra sinais de uma tentativa de erradicar alguma doença que se pensava poder ser transmitida por cartas. Esta não é de forma alguma a primeira capa que vimos.

Vários métodos usados para desinfetar o correio dos EUA

O verso de uma carta de 1835 (Figura 2) para o capitão Hiram Pauling no *Shark* mostra algumas marcações interessantes. A carta foi enviada de Nova York através da biblioteca do New York Naval Yard por outro navio que levou a carta ao *Shark*. Há um grande oval raro que diz “Encaminhado pelo Liceu Naval dos EUA” com a imagem de um veleiro, uma marcação da qual apenas dois exemplos são conhecidos, que o autor James observou em 1977 em um artigo publicado nesta revista.



Figura 2. O verso de uma capa sem selo feita das correspondências de 1835 endereçadas a Hiram Pauling a bordo do USS *Shark*. Ele mostra um grande oval preto, um carimbo de mão que inclui a imagem de um veleiro, perfurado por dois golpes de um dispositivo de fumigação de seis lâminas.

A capa também mostra dois golpes de um dispositivo afiado de seis lâminas usado para perfurar a capa inteira, de modo a permitir que fumaça de uma fonte externa entre na carta e evite qualquer doença que possa ser abrigada nesta carta. Essa também foi a intenção no manuseio da capa mostrada na Figura 1. Perfurar ou cortar os cantos foi uma prática iniciada na Europa para conter a propagação de doenças infecciosas, que na época tinham métodos de propagação desconhecidos e efeitos sobre o ser humano corpo. Em 1992, William Sandrik escreveu um artigo muito informativo sobre correio desinfetado, especialmente nas Américas, em *La Posta*.

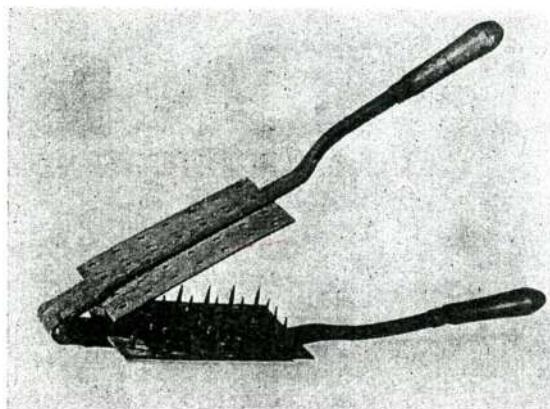
Sandrik mostrou que a fumigação foi tentada em muitos locais neste país, particularmente depois de 1900. Ele mostrou uma carta de 1835 de Woodville, Mississippi, viajando 130 milhas a nordeste de Jackson com fendas cortadas duas vezes para erradicar a febre amarela. Ele também mostrou uma capa de Nova Orleans (Figura 3) com a marca do mesmo tipo de dispositivo da capa da Figura 1,

embora um ano antes. Ele também mostra duas fileiras de buracos penetrantes. O conteúdo, que também é mostrado no artigo publicado, incluía um recorte de jornal sobre casos de febre amarela em Nova Orleans, também perfurado pela mesma fileira de pregos.



Figura 3. Uma capa enviada de Nova Orleans em 1878 que mostra duas fileiras de vários orifícios semelhantes aos encontrados na capa da Figura 1.

Um rastel alemão da década de 1830 (Figura 4) é um dispositivo semelhante usado para fazer furos em uma carta para fumigação, embora o dispositivo usado nas tampas nas Figuras 1 e 3 fosse provavelmente um pedaço de madeira no qual 20 pregos foram colocados. O tratamento de fumigação, por assim dizer, era aplicado batendo na haste com um martelo, empurrando os pregos através de qualquer pedaço de papel contra o qual estivessem. Sandrik, em seu artigo, mostra duas capas adicionais da Flórida em 1888 com um dispositivo de oito fendas paralelas em uma linha.



Há um grupo de capas de Boston no final da década de 1820 e início da década de 1830 com a palavra “quarentena” (em letras maiúsculas, é claro), com cinco tipos gravados aplicados nas cartas de navio recebidas. Não há evidências de que tais cartas foram fumigadas. Em vez disso, eles foram mantidos na instalação de quarentena por um período de tempo. Um deles contém uma carta escrita na estação de quarentena após a atracação do navio (Figura 5). Na Europa, as estações de quarentena eram conhecidas como lazaretos. Muitas cartas foram fumigadas em lazaretos.

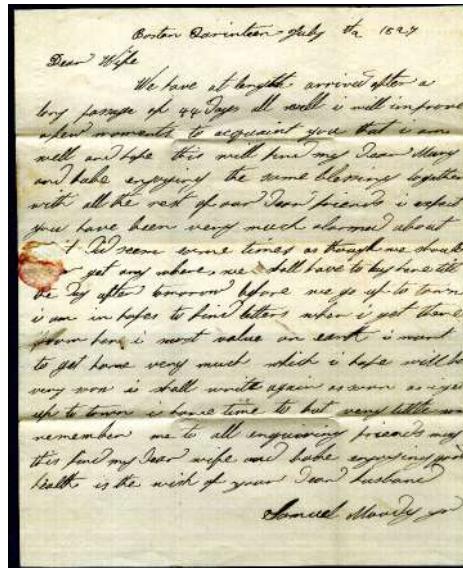


Figura 5. A capa tem o carimbo postal “BOSTON MS JUL 3” com “SHIP” em vermelho e classificação de 14½, postagem de 12½ centavos mais uma taxa de envio de 2 centavos para Portland, Maine. Também é visto um carimbo postal de linha reta vermelha “QUARENTENA”. O escritor menciona uma longa viagem de 44 dias, mas não diz de onde vieram. A carta tem uma frase: “Teremos que ficar aqui até depois de amanhã antes de irmos para a cidade...”

Aqui, voltamos nossa atenção para uma doença infecciosa em particular, a febre amarela. Hoje, sabemos que a febre amarela é uma doença viral de curta duração que pode atacar o fígado e os rins, causando possível morte em cerca de 15% das pessoas afetadas. É transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, por isso é principalmente uma doença tropical. Evidências mostram que a doença se originou na África e se espalhou para as Américas pela instituição do tráfico de escravos e da escravidão nos anos 1500. Ainda é uma doença perigosa, matando cerca de 50.000 pessoas por ano, mesmo depois que uma vacina foi criada em 1937.

Os autores têm em sua coleção a correspondência de um inglês que migrou para Nova Orleans e Baton Rouge em 1804. Muitas de suas cartas dizem respeito a surtos de febre amarela e como os europeus deixaram Nova Orleans durante os meses de verão. Ele evidentemente morreu da doença alguns anos depois.

Há muitos relatos de surtos da doença na Louisiana em datas diferentes. Em 1878, cerca de 20.000 pessoas morreram em uma epidemia no Vale do Rio Mississippi. Houve um grave surto de casos em Jacksonville, Flórida, em 1888. Embora a doença tenha sido finalmente atribuída a picadas de mosquito em 1881 por Carlos Finlay, um médico cubano, demorou 19 anos para que seu trabalho fosse aceito. O Dr. Walter Reed, antes e durante a construção do Canal do Panamá, recebeu crédito por seu conhecimento sobre como a doença se espalha, mas Reed sempre deu crédito a Finlay.

Mais algumas palavras sobre a capa da Figura 1

Um importante livro sobre febre amarela (Figura 6) foi publicado em 1879, mesmo ano da carta da Figura 1. Descreve casos e dá estatísticas de surtos da doença. Um boletim contemporâneo sobre a febre amarela em Pensacola (Figura 7) foi divulgado apenas alguns meses antes de a carta ser enviada. O texto diz: “Considerando que o Conselho de Saúde rescindiu a ordem de suspensão da quarentena contra Nova Orleans, notifica-se a todos os interessados que nenhuma carga ou

passageiros poderá entrar nesta cidade, sem autorização especial do Conselho de Saúde, e médico da cidade. Por ordem do conselho de saúde, SC Cobb, prefeito, Pensacola, 25 de agosto de 1879."

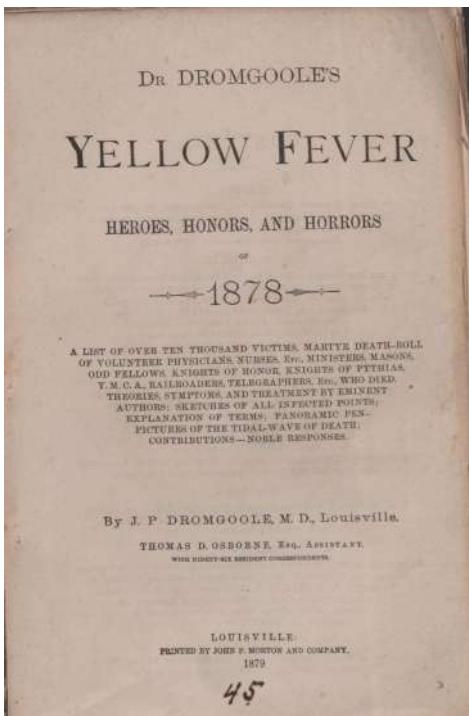


Figura 6. Febre Amarela, livro de JP Dromgoole publicado em 1879.

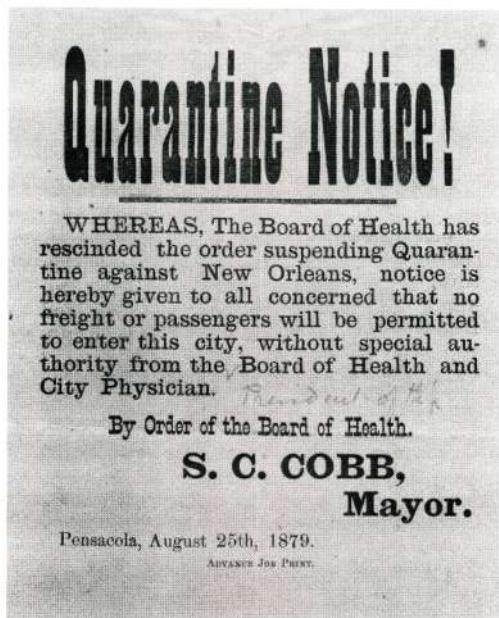


Figura 7. Broadside de 1879 sobre febre amarela em Pensacola, Flórida.

Isso nos leva às pessoas conectadas com a capa da Figura 1. O destinatário – Aaron S. Oberly (Figura 8) – esteve a serviço da Marinha dos Estados Unidos como cirurgião, depois inspetor e, finalmente, comandante, até 1889. De 1875 a 1879, esteve lotado no Pensacola Naval Yard e depois foi transferido para Estação Torpedo, Newport, por um ano. Isso explica por que a carta foi encaminhada para Rhode Island. Oberly foi a pessoa que inspecionou e escreveu o relatório sobre o desastroso surto da doença no USS *Plymouth*.

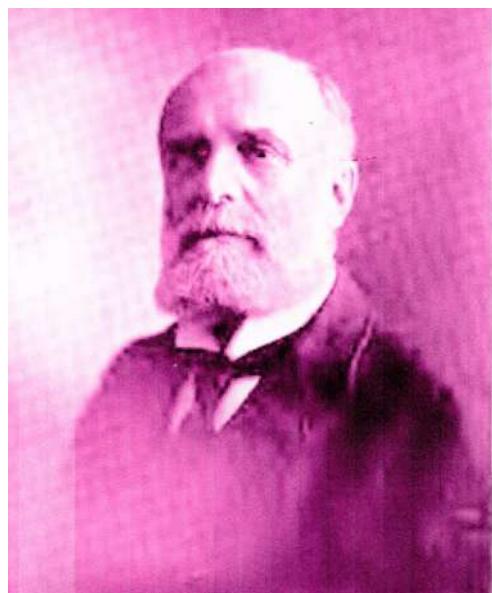


Figura 8. Fotografia de Aaron S. Oberly.

O remetente da carta – Dexter Chamberlain Bloomer (Figura 9) – também era uma pessoa ilustre, um dos primeiros cidadãos de Council Bluffs, Iowa. Ele usava muitos chapéus, além dos de advogado e corretor de imóveis, como mostra o cartão de canto na capa na Figura 1. Ele era jornalista, chefe dos correios, prefeito, membro do primeiro conselho escolar da cidade, recebedor do US Land Office, presidente da Ordem dos Advogados do condado, historiador e diretor sênior da sacristia da Igreja Episcopal de São Paulo. Foi no início de 1850 que o presidente Millard Fillmore escolheu Bloomer para ser o chefe dos correios de Seneca Falls, Nova York. Bloomer nomeou sua esposa vice-chefe dos correios e ela realmente administrava os correios.



Figura 9. Fotografia de Dexter C. Bloomer.

A esposa de Bloomer – Amelia Jenks Bloomer (Figura 10) – talvez fosse mais proeminente que seu marido. Ela era ferozmente independente. Seneca Falls é conhecida como o berço dos direitos das mulheres nos Estados Unidos e foi o local da primeira convenção dos direitos das mulheres em 1848. Amelia Bloomer tinha seu próprio jornal, adotou uma postura de temperança e foi uma defensora do sufrágio feminino.



Figura 10. Fotografia de Amelia J. Bloomer.

Foi no jornal da Sra. Bloomer – *The Lily*, o primeiro jornal do país para mulheres, de acordo com o Parque Nacional dos Direitos da Mulher em Seneca Falls – que ela propôs pela primeira vez uma mudança nas roupas femininas e sugeriu calças femininas. As calças foram apelidadas de “bloomers” em sua homenagem.

Comentários finais

Além dos excelentes artigos de Sandrik, o recurso definitivo sobre a correspondência desinfetada é do Dr. Karl F. Meyer, que gentilmente deu aos autores uma cópia de seu livro quando James ainda estava na faculdade de medicina. Meyer era um especialista em doenças infecciosas que achou esse assunto de grande interesse para ele. Ele construiu uma coleção maravilhosa de capas, principalmente carimbos de mão europeus e dispositivos de fenda.

Recursos

Meyer, Karl F. *Desinfected Mail* (Gossip Printery, 1962).

Milgram, James W. “US Naval Lyceum Usages,” *The American Philatelist* no. 91 (1977): 626-9.

<https://stamps.org/news/c/collecting-insights/cat/postal-history/post/american-fumigation>